



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Gasduc III**

Duque de Caxias - RJ, 03 de fevereiro de 2010

Eu quero cumprimentar duas pessoas aqui, e cumprimentando as duas pessoas eu estarei cumprimentando todos os demais convidados que estão aqui. Eu queria cumprimentar o nosso querido Pezão, o vice-governador, e convidar [cumprimentar] o companheiro Simão, presidente do Sindicato dos Petroleiros, e assim eu ganho tempo para falar um pouco mais aqui, sem precisar citar todos os nomes, porque todo mundo já citou e daqui a pouco as pessoas começam a querer ser candidato, a se filiar em partido político, porque começam a ficar conhecidas, então vamos evitar um pouco isso aqui.

Possivelmente, a maioria de vocês não tenha dimensão de que eu acho que eu estou sentindo uma...uma sensação de dever cumprido. Quando eu fui candidato a governador em 1982, em São Paulo, eu disputava as eleições, e um dia perguntaram para mim por que é que eu queria ser candidato a governador do estado. Eu não tinha nenhuma experiência política, o meu Partido tinha apenas dois anos de existência. A única experiência que eu tinha era de ter feito as greves em [19]78, [19]79 e [19]80 no ABC. E aí eu fui guindado a... o José Sergio Gabrielli foi candidato em [19]86, na Bahia. Não tivemos quase votos, essa é a verdade.

Mas, então, perguntaram para mim por que é que eu queria ser candidato ao governo de São Paulo, e eu dizia: eu quero ser candidato e quero ser governador para provar a mim mesmo se eu tenho competência de fazer tudo aquilo que eu acho que os outros têm que fazer. Porque é mais fácil você cobrar dos outros; é mais fácil dar uma enchente e você culpar o prefeito; é mais fácil ter um terremoto e você culpar o presidente; é mais fácil você culpar o cara que perdeu um pênalti, sem estar no lugar dele para bater o pênalti.



Quem já bateu, sabe que o goleiro cresce para “desgrama” na frente da gente. A gente fala “Não, mas são 11 metros de distância”. Vai lá para você ver como 11 metros é curtinho, lá. Onze metros é distante se a gente tiver que pagar uma dívida, aí 11 metros fica bastante distante, você vai devagarinho. Se for para encontrar uma namorada, onze metros é um centímetro; você dá um pulinho, já está com a namorada.

Então, eu acho que foi a primeira sensação que eu tive, de responsabilidade, foi de dizer que eu gostaria de ser o governador para fazer aquilo que eu achava que os outros deveriam fazer. E eu sei que, durante muito tempo – e eu perdi três eleições –, porque uma parte das pessoas que eu acreditava que deveriam votar em mim, que era uma grande parte dos meus companheiros trabalhadores deste país a fora, não votavam. E não votavam porque as pessoas diziam: “Espera aí. Esse cara é igual a mim; se eu não me sinto em condições de ser um presidente, por que esse cara quer ser?”

Eu lembro que uma vez, Dilma, não sei se você sabe essa história, nessa campanha de candidato a governador era proibido aparecer gente de rua... Não sei se os mais velhos lembram da lei Falcão. Aparecia apenas a cara da gente e dizia “Fulano de Tal”. Então, eu achei que a minha propaganda era genial, porque a minha propaganda dizia o seguinte: “Luiz Inácio Lula da Silva. Ex-tintureiro, ex-alfaiate” – Alfaiate nada, eu entregava roupa. “Ex-tintureiro, ex-alfaiate, ex-met...” não, “ex-engraxate, ex-tintureiro, ex-metalúrgico, ex-sindicalista, ex-presos político, um brasileiro igualzinho a você”. Eu achava aquilo o máximo! E depois eu comecei a descobrir que as pessoas gostariam de ser um brasileiro um pouquinho mais do que isso que eu fui, com menos sofrimento e com um pouco mais... Mas o tempo ensina, e a gente, então, vai aprendendo as coisas.

Quando eu cheguei à Presidência da República, eu cheguei com um acúmulo de três derrotas. E tem gente que sofre com a derrota, e tem gente que aprende com a derrota. Eu acho que, hoje, eu poderia dizer que foi Deus



que não permitiu que eu ganhasse as eleições em 1989. Foi a campanha mais maravilhosa, a mais bonita, a mais emocionante... Talvez seja difícil a gente repetir, porque aquelas coisas acontecem uma vez na vida, outra na morte. Mas, de qualquer forma, eu acho que, se nós tivéssemos chegado ao governo naquele momento, possivelmente a nossa vontade de fazer era tanta, que a gente ia tropeçar, e a gente talvez não conseguisse fazer. Porque não tinha acúmulo de experiência, porque não tinha acúmulo de gente preparada para governar... uma série de coisas que acontecem quando a gente chega a um cargo de responsabilidade importante.

Então, quando nós chegamos ao governo, nós chegamos com duas coisas... Eu tinha muito a questão do Walesa na minha cabeça. Porque, não sei se vocês sabem, o Walesa, que foi um grande dirigente sindical da Polônia, com uma diferença de mim, porque ele era anticomunista e eu, embora não fosse comunista, era simpatizante da causa nobre daqueles que lutaram para construir um estado socialista. Mas eu tinha muito em mente o fracasso do Walesa na Polônia. Ele foi eleito presidente da República da Polônia e, depois que terminou o mandato, ele foi se candidatar, ele só teve 0,6% dos votos, ou seja, menos que 1% dos votos. Significa que foi uma decepção para o eleitorado, sobretudo para os metalúrgicos de Gdansk, que era um grande estaleiro que tinha na Polônia, em Varsóvia, e que ficaram decepcionados.

Então, eu tinha muito em mente que a gente não podia errar, a gente não podia falhar. E o que me preocupava era o seguinte: se nós falharmos vai demorar 200 anos para um trabalhador pleitear ser presidente da República outra vez. Porque, no meio da elite, que governa o Brasil há tantos anos, isso não tem problema. Eles acumularam tantos fracassos que o cara fracassa, perde as eleições, vai embora, passa dois anos nas “Europa”, volta depois, com a maior cara de pau, quatro anos depois é candidato a alguma coisa, tenta esquecer aquilo lá, e assim vai, é a vida inteira. A vida inteira foi assim.

E eu dizia: Nós não podemos errar. Primeiro, porque eu não posso ir



para as “Europa”, eu tenho que ficar aqui dentro. Segundo, o meu apartamento fica a 600 metros da sede do Sindicato dos Metalúrgicos, e a peãozada vai me cobrar. Então, eu não tenho o direito de errar.

E, aí, você começa a acertar na montagem da equipe. Isso é uma coisa sagrada: é você governar montando a equipe. E parte dessa equipe... Eu vou contar dois casos para vocês: eu não conhecia a Dilma. A Dilma trabalhava no Rio Grande do Sul, era secretária de Minas e Energia, mas eu tinha uma grande equipe que discutia energia comigo, coordenada pelo companheiro Pinguelli Rosa, que vocês conhecem aqui, do Rio de Janeiro, da Coppe, companheiro da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E durante muito tempo o Pinguelli foi meu assessor, a gente constituía grupo de trabalho e ele me ajudava. E aí já perto da campanha de 2002, perto da campanha de 2002, eu fiz uma reunião para discutir a questão de energia no Brasil, eis que entra essa senhora com um *notebook* na mão e começamos a reunião, começamos a reunião, terminou a reunião, eu falei: eu acho que eu já encontrei minha ministra de Minas e Energia. Nesse meio tempo, Lobão, o José Dirceu já tinha negociado com o PMDB o Ministério de Minas e Energia, e eu, então, liguei e disse o seguinte: olha, não tem negociação no Ministério de Minas e Energia, porque eu acabo de encontrar a minha ministra aqui, e vai ser a companheira Dilma Rousseff.

Pois bem, o que é que a Dilma fez no Ministério de Minas e Energia? Ela simplesmente fez uma nova matriz, um novo marco regulatório do sistema energético brasileiro. E é o que está dando certo hoje, porque nós partimos do pressuposto de que não adianta você ter muita água, não adianta você ter muito gás se você não tiver uma matriz energética integrada, em que você possa transitar com a energia do Norte para o Sul, do Sul para o Sudeste, do Sudeste para o Centro-Oeste, já que nós somos um país só.

Então, no apagão de 2001, nós tínhamos energia de sobra em São Paulo, não, no Rio Grande do Sul, e nós não tínhamos linha de transmissão



para trazer do Rio Grande do Sul para São Paulo, e faltou energia em São Paulo e [no] Rio de Janeiro. Então, isso foi resolvido. Aquilo que o Lobão disse é verdade: nós fizemos até agora, em sete anos, 30% de tudo o que tinha sido feito em 123 anos, de linha de transmissão. O que é importante nisso? É que nós estamos mudando o parâmetro.

Mas, então, a Dilma foi ministra de Minas e Energia, aprovamos o novo marco regulatório, o Congresso votou rapidamente, e um belo dia esta senhora entra na minha sala para me comunicar a seguinte questão... porque ela e a Graça, elas trabalhavam até às 4h da manhã, às 5h da manhã. Acho que elas brigavam com os namorados ou com os maridos e trabalhavam até às 4h da manhã, às 5h da manhã, às 6h. Às vezes, eram 9h, ligava para a Dilma, falavam: “Olha, a Dilma saiu daqui às 7h, saiu daqui às 6h”.

Bem, aí um belo dia a Dilma entra na minha sala e fala assim: “Presidente, nós vamos ter um prejuízo muito sério, porque a dona Maria Graça vai sair do governo. Ela foi contatada por uma empresa multinacional que quer contratá-la. O salário dela vai ser muito chique, vai ser assim, tipo Ronaldinho, Kaká, e ela está ganhando aqui igual ao salário do presidente da República, um pouquinho mais. Então, ela quer ir embora”.

Aí, mandei chamar a Graça na minha sala, ficou eu, a Graça e a Dilma conversando, aí a Graça expôs que a empresa ofereceu isso – não vou dizer tudo que a empresa ofereceu – a empresa ofereceu isso, ofereceu aquilo, ofereceu apartamento, ofereceu passagem, ofereceu não sei das quantas, para ela ir não sei para onde, para voltar não sei para quando e tal. Era um negócio assim que a Petrobras, obviamente, que não pode dar. Que a Petrobras está tão mão de vaca, que eu vou denunciar vocês ao Tribunal de Contas da União! Porque...

Não. Eu estava com sede, eu queria beber água e, antes de eu pedir o meu copo d’água eu perguntei: Zé Sergio, está tendo água para esse povo aí? Está tendo água? Aí, ele falou: “Está tendo”. Eu falei: Mas eu não estou vendo



distribuir. Aí, logo apareceram os companheiros aqui distribuindo. Mas disseram: “Mas tem mais de 20 pessoas distribuindo”. Eu falei: Pode ter 20 responsáveis, mas, distribuindo, eu não vi nenhum distribuir ainda. Pois bem. Então, isso é contenção de despesas da Petrobras. E outra coisa que eu senti aqui é um ventilador, gente. Vocês não sabem... Os meus amigos da imprensa e quem monta isso aqui têm a mania de colocar uma maldita luz na cara da gente que está ali. Vocês não estão sentindo o que é o calor desses faroletes apontando para a cara da gente. Vocês vejam, eu aqui, ó: em vez de estar parecendo um Presidente, estou parecendo um pintinho que caiu em uma poça d’água. Por culpa de quem? Por culpa da Petrobras e sua contenção de despesa, que...

Bom, certamente essa contenção de despesa da Petrobras no ventilador e na água deve resultar, em algum momento, em aumento de salário para os trabalhadores da Petrobras. Certamente.

Bem, mas, aí, eu falei: Companheira Graça, olha, você é muito importante. É muito importante para a Petrobras, você é muito importante para trabalhar com a Dilma. Nós estamos concluindo um trabalho no Brasil, nós estamos fazendo um governo, e vamos precisar de você. Eu acho que é muito importante que você faça um sacrifício, e você fique conosco. Eu sei que houve um começo de choradeira, todo mundo muito emocionado... O dado concreto é que a nossa querida Graça Foster resistiu à quantidade de dinheiro que ia ganhar lá fora para dedicar um pouco da sua competência a resolver problemas crônicos deste país na questão de combustível. Então, é uma companheira de valor extraordinário.

E o outro é o companheiro José Sergio Gabrielli. O José Sergio Gabrielli, só para vocês terem ideia, quando eu fui colocar o José Sergio Gabrielli de diretor financeiro da Petrobras – eu conhecia o José Sergio da Bahia, eu conhecia o José Sergio do PT, conhecia o José Sergio da universidade federal, grande economista, grande mesmo, bom economista – e eu falei: bom, vai ser



o meu diretor financeiro da Petrobras, já que o José Eduardo Dutra, que era mais ligado ao setor, ia ser o presidente da Petrobras. Vocês não imaginam as aberrações que falaram: “Como é que o Lula vai colocar um cara” – não era “o cara”, era “um cara” – “que nem conhece a Petrobras, de diretor financeiro? Não vai dar certo. Era melhor deixar o que estava lá, ó”. Olha a malandragem! “É melhor deixar o que está lá. O que está lá já tem experiência. Deixa.” Bom, o dado concreto é que nós colocamos o José Sergio Gabrielli, e um ano depois ele foi eleito o diretor financeiro... o melhor diretor financeiro de todas as petroleiras do mundo, acho que foi em 2006, 2005, tá?

Mas aí teve uma coisa engraçada, que é a razão pela qual eu estou enrolando vocês aqui. Esse Gasene, famoso, que a Graça me disse que ficou emocionada quando ela viu a junção dos dois gasodutos, um sulista falando “tu és, tu pensas, tu queres” ou falando que nem carioca com o “s” na frente assim, tal, e outro nordestino. Os (incompreensível) encontraram: um falava ô xente e o outro falava um pouco assim, se encontraram. Ela falou que ficou emocionadíssima e um monte de coisas. E eu me lembrei da primeira discussão que nós fizemos deste gasoduto. Foi a primeira coisa que nós decidimos em votação no governo, porque no regime presidencialista não tem votação. O pessoal discute, discute, discute, coloca na mesa do presidente, se deu consenso, ótimo. Se não deu consenso, o presidente toma a decisão e eles não podem nem reclamar porque a gente pode mandar eles embora.

Mas nós tivemos uma discussão ideológica, porque tinha uma disputa Japão e China para ver quem fazia o Gasene. E aí nós tínhamos uma turma... porque governo bom é esse: é que tem uma turma mais conservadora e uma turma mais progressista. E tinha uma turma que queria o Japão – não vou dar nome aqui, viu, José Sergio? –, de quem queria o Japão. Tinha gente que queria o Japão porque era mais fácil, já tinha financiamento previsto, já tinha banco japonês garantindo o dinheiro. Então, tinha gente que queria fazer com o Japão. E tinha outra gente que queria fazer uma parceria estratégica com a



China e que, portanto, o Gasene era a primeira chance que a gente tinha, de fazer um pacote para trabalhar junto com a China. E, aí, eu coloquei em votação. Por um voto ganhou fazer com a China.

Só que a gente não sabia que os nossos amigos chineses eram duros na negociação. Porque depois que a gente decidiu que era a China, até começar a dar o primeiro ponto de solda, tome trabalho que os chineses deram na [para a] gente. Tome. Três anos de discussão.

Bom, não é diferente da Petrobras, porque a Graça, para pagar 100 milhões para a Bolívia, foi 27 vezes lá. Não é diferente. O dado concreto é que demorou pacas. Mas, graças a Deus, agora em abril, não é, Graça? Em março, nós vamos inaugurar, finalmente, a integração dos gasodutos brasileiros, e os gases vão poder transitar de país para país, de Estado para Estado. Mil quilômetros. Essa é uma coisa fantástica, porque era um sonho, de você fazer esse processo de integração. Então, você imagina que, agora, a gente vai pegar o gás na Bolívia, ele vai passar por aqui, por debaixo de vocês, vai por ali e tal – espero que não tenha vazamento no cano nunca, e ele vai chegar a Pernambuco, vai chegar ao Ceará, uma coisa extraordinária isso. Vai chegar ao Maranhão, vai chegar em todo o Nordeste.

E, obviamente, que, daqui para a frente, a gente vai fazer muito mais. Eu quero contar esse exemplo da China, porque foi uma conversa muito séria e, também, uma decisão política muito séria. Porque, quando o prato está pronto... Na política, eu sempre cito um exemplo, para a gente compreender as coisas: às vezes uma mãe... Acontece com vocês. Porque filho é uma desgraça. Filho, mesmo casado, ele começa preferindo a comida da mãe, não é? E eu sempre digo que, às vezes, quando a coisa está pronta, a gente não quer saber quem fez, quanto custou fazer, o sacrifício que foi feito.

E eu digo sempre: o filho senta à mesa, a mãe coloca o prato, está lá o feijãozinho, o arroz, o bife com cebola – se for que nem eu, gosta de um ovinho frito – e, aí, o malandrão senta à mesa e fala: “Pô, só isso? Não tem mais?”.



Ele nem pergunta como é que a mãe sofreu, se tinha dinheiro para comprar, se não tinha, ele já quer saber por que não tem mais. Em política também é assim.

Então, eu acho... As pessoas estão sempre cobrando de nós um pouco mais. E essa é a força da democracia. Nenhum governo se iluda: quanto mais ele atender, mais reivindicações vai ter. Porque é o prazer de conquistar. Quando o povo reivindica e a Petrobras manda embora, ou naquele tempo que fechava sindicato, tal, era mais difícil reivindicar. Mas, quando o pessoal sente o prazer de conquistar alguma coisinha, pode ficar certo que todo ano tem mais reivindicação. Não pense em fazer reunião, Cesário, não pense em fazer reunião em que você vai ter os agradecimentos. “Aqui, os dirigentes sindicais, quero agradecer ao Presidente por tudo isso e tal...” Não. Ele pode agradecer dois minutos, mas, depois, uma cobrança de mais uma coisa que ele quer. E eu acho interessante, porque é isso que vai consolidando o processo democrático neste país. E é por isso que a Petrobras chegou ao nível que chegou.

Não pense que a gente está comemorando o gás aqui, e tudo isso é barato não. Há quanto tempo atrás teve a crise do gás? Três anos atrás. Quando nós reunimos o Conselho Nacional de Política Energética e decidimos criar o Plangás. E decidimos que este país iria trabalhar para que a gente ficasse sem precisar depender de outro país. E, aos poucos, nós fomos descobrindo. Aos poucos, fomos futucando, furando, futucando, furando, futucando, furando... Hoje, que beleza! Nós precisamos do gás da Bolívia, mas não somos dependentes apenas do gás da Bolívia. E eu tenho fé em Deus que, com o pré-sal, a gente vai ter muito mais gás. E a gente vai poder ser muito autossuficiente.

Sem perder de vista para que nós queremos gás. Prioridade um: energia elétrica. Essa é a prioridade. Quem tiver... E todo mundo, é importante saber disso, quem tiver fábrica a gás, quem tiver piscina a gás, ou quem tiver carro a



gás tem que saber que se tiver uma crise energética, a primeira coisa que nós vamos utilizar o gás é para levar energia para as casas das pessoas. Porque nós temos álcool, porque nós temos gasolina... Nós somos um país que tem uma diversidade de combustível, que nós também não podemos ficar dependendo de um só. E depois os carros, depois as fábricas, depois, se estiver sobrando muito, até algumas piscinas, não é, Graça? Porque não é... Só se não estiver utilizando, mas, se tiver que utilizar em coisa mais nobre... Ora, toma banho na água gelada, pô! Como é que você vai esquentar essa praia aqui da região de Cabo Frio, tudo gelada? Toma banho gelado.

Então, é importante a gente ter clareza que nós queremos ser autossuficientes em gás, mas sempre estaremos de olho em garantir energia nas casas das pessoas. Não tem sentido o motorista de táxi andando com carro a gás e a mulher em casa no escuro. É melhor proteger a mulher dele, levar a luzinha para lá, para ela ficar tranquila. Então nós vamos continuar investindo. E, aí, o meu orgulho da Petrobras. Meu orgulho dessa diretoria da Petrobras, que entendeu as necessidades não do governo, mas do Estado brasileiro de que nós não podíamos ficar naquela situação de briga com a Bolívia e de dependência. Então, vamos tentar encontrar. E, graças a Deus, estamos avançando, avançando, avançando... Eu acho que, dentro de algum tempo mais, a gente vai poder bater no peito e dizer: "Nós temos gás suficiente." E vamos continuar comprando da Bolívia, porque nós temos que ajudar a Bolívia, que é um país pobre, e nós temos que ajudar. Não é porque a gente vai ter que a gente vai deixar de comprar não. O papel de uma nação do tamanho do Brasil é ajudar os países menores do lado dele, vizinho dele. Essa é a política de solidariedade nossa.

Então, hoje, vir aqui inaugurar esse gasoduto, José Sergio, para mim é como se fosse um filho que acabou de nascer. Porque foi difícil fazer. Tem um gasoduto que a gente fez de Campinas até o Rio de Janeiro que um advogado, porque o gasoduto passava acho que 500 metros dentro do terreno dele, ele



segurou três anos o gasoduto por causa de 500 metros. Três anos. E assim é. Quando a Petrobras tenta fazer as coisas, as pessoas acham que, porque ela é rica, então querem cobrar os olhos da cara. Aí vai para a justiça brigar, brigar, brigar, e às vezes demora.

Mas a Petrobras assumiu compromissos históricos com o País. A indústria naval estava quebrada. A indústria naval não produzia nem rebocador. A indústria naval está hoje recuperada, vai produzir muito navio, vai produzir muita sonda, vai produzir muita plataforma. Só trabalhadores, que em 2002, tinha apenas 1.800, já está com quase 50 mil trabalhadores na indústria naval outra vez. E a gente está montando estaleiro agora, já tem estaleiro em Pernambuco – o primeiro navio vai ser inaugurado agora em março. Aqui, no Rio de Janeiro, vai ser inaugurado, Cesário, o primeiro navio aqui nós vamos colocar o nome de João Cândido, que é uma homenagem ao nosso companheiro João Cândido, é uma reivindicação do movimento negro deste país. A Petrobras vai construir as plataformas, a Petrobras vai construir as sondas, e nós vamos nos transformar em um país mais poderoso.

E a Dilma tem razão: tudo isso só tem sentido se o povo vier junto. A cada milímetro que o país crescer, o povo tem que crescer um milímetro. É por isso que nós estamos investindo muito em educação, muito em educação. Eu fui ontem... A Dilma foi comigo essa semana, nós fomos entregar 100 escolas técnicas. Já completamos 174 escolas técnicas que nós entregamos. Faltam, acho, 50 para a gente completar as 314 escolas técnicas que o Brasil vai ter. E quem vier depois, vai ter que fazer muito mais.

Então, este país conseguiu mudar porque nós combinamos duas coisas. Primeiro, o crescimento econômico com a distribuição de renda. Ou seja, as pessoas mais pobres adquiriram o direito de comer neste País. As pesquisas agora mostram que nas regiões mais pobres do País, as classes D e E estão consumindo mais do que a classe A da região Sul do País. E o que eles estão consumindo? Comida e material de limpeza, coisa a que antes o pobre não



tinha acesso. A cada vez que a gente aumenta o salário mínimo em 1%, a gente coloca bilhões no mercado. Só este ano foram 20 bilhões a mais no mercado. Como o cidadão que ganha pouco não vai comprar dólar, nem vai depositar em um banco lá fora, o que ele faz? Ele vai para um supermercado, ele vai para uma loja, ele vai comprar uma meia, vai comprar uma bermuda para o filho, vai comprar um sapato, ele vai comprar uma comida, vai comprar... E é isso que fez o País, não houve nenhum milagre, José Sergio. Você, que é economista, apenas nós fizemos com que o dinheiro fosse distribuído de forma mais justa. Imagine, por exemplo, esse cara sozinho... dois, que ganharam na Mega-Sena R\$ 190 milhões. Então, dois caras, cada um com R\$ 95 milhões. Imagine se tivessem ganho 190 pessoas, cada uma um milhão? Você tinha 190 pessoas ricas. E você só tem dois!

Então, o que nós estamos fazendo é isso, é tentar estender o desenvolvimento do País para todas as camadas sociais. Por isso é que nós fizemos o programa Minha Casa, Minha Vida. Vocês vão ter uma surpresa aqui no Rio de Janeiro, com o que vai acontecer na Favela da Rocinha, no Pavão-Pavãozinho, no Complexo do Alemão, lá em Manguinhos, porque nós estamos fazendo uma revolução. Eu não tenho medo de dizer para vocês: nós últimos 30 anos, se juntar tudo o que os presidentes da República investiram em saneamento básico, não chega à metade do que nós estamos investindo hoje, porque no Brasil, no Brasil, Prefeito, no Brasil tinha uma doença grave: político não gostava de investir dinheiro em saneamento básico. Tudo aquilo que é enterrado na terra não tinha valor para a política, porque não aparecia na época da eleição. E nós invertemos isso, porque a cada vez que a gente recolhe água suja da rua, que a gente canaliza e faz tratamento no esgoto, nós estamos investindo em quê? Em melhoria de qualidade de vida e investindo na saúde das pessoas. É por isso que nós estamos a maior política, e no PAC II, pode se preparar, Pezão, porque nós vamos investir muito nessa questão de resolver os grandes problemas dos grandes centros urbanos deste País, como



enchentes, como enchentes, que estão dando em qualquer lugar, nós vamos ter que pensar nisso.

E isso eu falo de coração, José Sergio, o que nós estamos fazendo agora é um processo de reparação – falo sem medo de errar – nós estamos, hoje, fazendo um processo de reparação da irresponsabilidade daqueles que governaram 20, 30 anos atrás, que permitiram que o povo ocupasse lugares inadequados em encostas de morros, em beira de córregos, sabendo que ali poderia ter uma desgraça, e foram deixados. E deixaram, por interesse político. E não é partido de direita, não. É partido de direita, é partido de centro, é partido de esquerda. Envolve todos os partidos políticos. É vereador defendendo que o cara more na beira do esgoto mesmo.

Nós precisamos parar com essa hipocrisia de tratar o povo dessa forma. O cidadão, se tiver indo ocupar uma área inadequada, o prefeito tem que ter coragem de ir lá e não deixar, e dizer: “Olha, nós vamos preparar um outro lugar para você, mas aqui não pode.” Porque depois, quando morre alguém, de quem é a culpa? Quem mandou as pessoas ocuparem não aparece.

Então, nós estamos vendo o que está acontecendo em São Paulo, o que aconteceu em Angra, o que acontece em Belo Horizonte. Isso é o acúmulo de desmando dos últimos 50 anos. O País não crescia, não gerava empregos, as pessoas iam só ocupando as capitais, as capitais, as capitais, e o que deu? Então, nós estamos fazendo isso conscientemente, fazendo um processo de reparação para ver se a gente pode permitir que daqui a 20 anos este povo tenha orgulho de morar em uma grande cidade, como São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Salvador, Recife, e tantas outras, e não morar apinhado, em três metros quadrados, dividindo com a família cozinha, cama, banheiro, em três metros quadrados.

Nós, se Deus quiser, começamos a acabar com isso, começamos. O programa Minha Casa, Minha Vida é apenas o começo de que nunca mais este País vai fazer programa habitacional de 200 mil casas, 50 mil casas.



Aprendemos a fazer de um milhão. Daqui para a frente é mais do que isso, porque nós aprendemos.

Então, Gabrielli, meu querido, companheiros diretores da Petrobras, trabalhadores, vocês sabem que esses dias eu tive um problema de pressão, esse negócio de ser corintiano é uma desgraça, porque eu vi comprar... é porque eu vi comprar tanto jogador, tanto jogador... Eu já vi três jogos do Corinthians e eu não vi o Corinthians deslanchar ainda, assim, sabem? E é 1 x 0 aqui, você viu no domingo? No domingo, o Corinthians marcou um gol aos seis minutos, e o Palmeiras passou os outros 84 minutos jogando a bola dentro do escanteio da área do Corinthians. Rapaz! Eu vi a hora o coração sair pelo pé!

Então, eu estava com uma agenda um pouco carregada, fui para Recife, tive um problema de pressão alta. Mas vou dizer para vocês um negócio: se tem uma coisa de que eu me orgulho, é a minha pressão, porque eu meço a pressão todo santo dia, e a minha pressão, regularmente, é de 11 x 7 todos os dias. Quando ela está mal, ela está em 12 x 7. Então, foi um problema que aconteceu. Certamente, que tem gente que fala: "Ah, agora o Lula não vai viajar mais, vai ficar lá em Brasília sentadinho, bem feito!" Quem esperar que eu vá ficar sentado em Brasília, pode tirar o cavalo da chuva, porque nós vamos inaugurar obras este ano, José Sergio, que tem gente que vai ficar doida de raiva, mas nós vamos.

É uma pena que a Dilma não vai poder ir comigo inaugurar obras, mas nós vamos inaugurar obras. E se Deus quiser, só da Petrobras, neste mês tem mais três para inaugurar. E nós vamos inaugurar porque este País não pode parar mais, este País não pode parar. Este País encontrou o caminho, e eu acho que daqui para a frente... Estão dizendo que a gente vai ser a quinta potência econômica. Deus queira que a gente seja a quarta, seja a terceira, pode demorar mais dez anos, mais 15 anos. O problema é o seguinte: é que nós aprendemos a gostar deste País.



Você viu a pesquisa, esta semana? A pesquisa... 58% a mais têm orgulho de ser brasileiros. Nós tínhamos vergonha de ser brasileiros. Hoje não, hoje nós estamos tendo orgulho de ser brasileiros, e não tem nada... A coisa que eu mais admiro nos Estados Unidos é que em qualquer filme merreca que passa, eles dão um jeito de colocar a bandeira americana lá, não é isso? E aqui nós não cultuamos essas coisas, que é o que dá força a uma nação. Então, eu tenho fé em Deus que a Petrobras, José Sergio Gabrielli, é uma das razões pelas quais este povo está sentindo cada vez mais orgulho de ser brasileiro.

E a Petrobras, que era uma empresa igual a tantas outras, em pouco tempo virou a maior quarta [a quarta maior] empresa do mundo. Ou seja, não é pouca coisa, gente, não é pouca coisa!

Então, parabéns à Petrobras por este gasoduto. Parabéns, Gabrielli. Parabéns, companheira Graça. E vocês, eu espero encontrá-los brevemente aqui no Rio de Janeiro mesmo, que tem mais coisas para inaugurar.

Um grande abraço, gente. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)